

Enc 81.2



O COSMOPOLITA

Orgão dos Empregados em Hotéis, Restaurantes, Cafés, Bars e classes congeneres

ANO II — N. 29

Rio de Janeiro, 25 de março de 1918

REDAÇÃO
Rua do Senado 215-217
Telefone Central 1499

A RUSSIA REVOLUCIONARIA

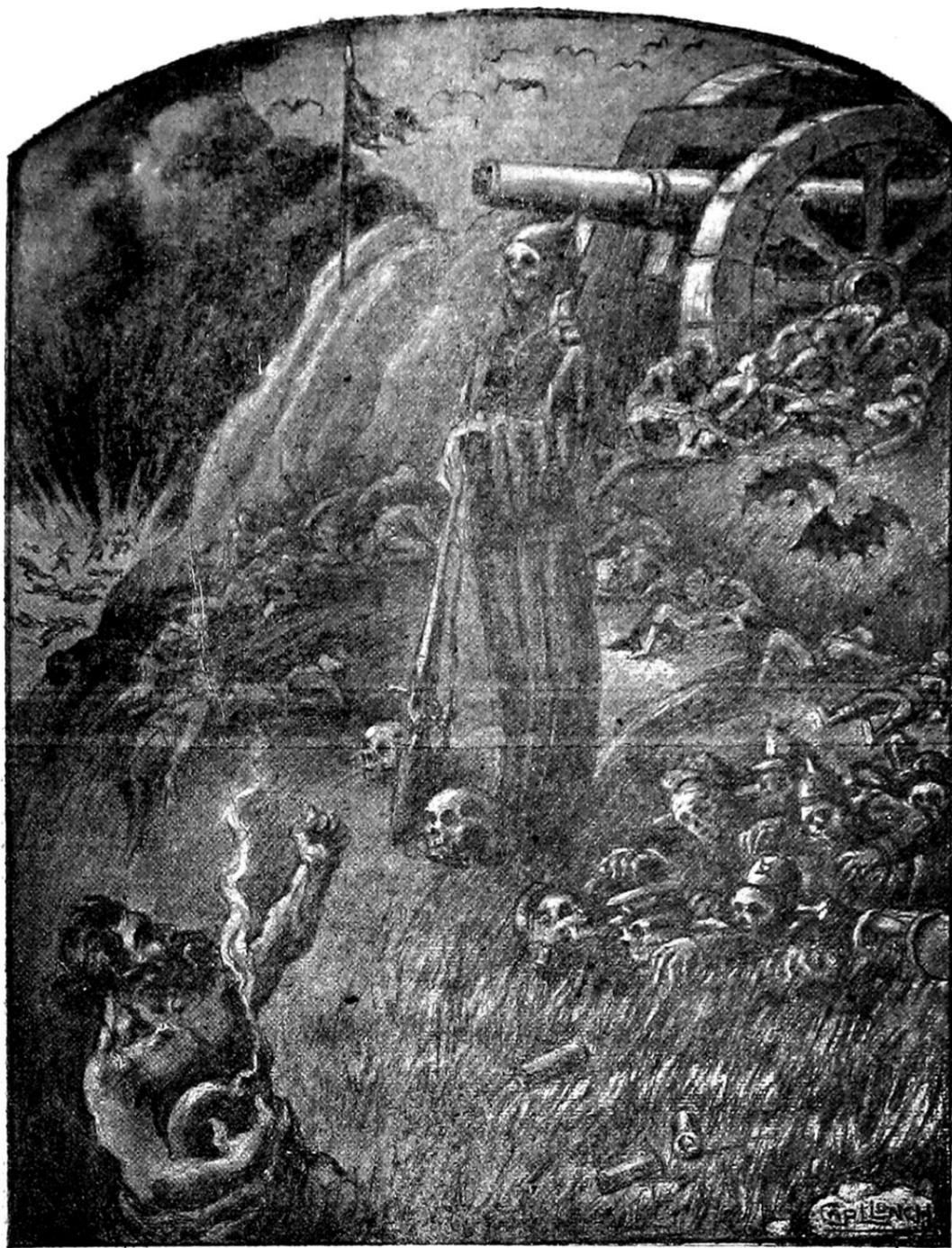
Um ano depois

Lembra-me nitidamente o momento em que me veio ao ouvido a grande, a extraordinária nova: «o Czar da Rússia deposto!» Uma alegria imensa encheu-me o coração, angustiado ante o sangrento espetáculo da escravização guerreira dos povos. Eu lutara, como parte duma irredutível minoria, desde as vésperas de agosto de 1914, contra a infâmia da burguezia dinheiruda e governante, que, para liquidação dos seus negócios, arremessava ao matadouro colossal a juventude proletária do mundo. Temozo se me apresentava o futuro: as organizações libertárias do proletariado se desmantelavam, e os seus militantes, tomados dum desespero impotente ante a cilada do militarismo, ou seguiam para a chácara, se moços, ou seguiam para a cadeia e o fuzilamento, se velhos e integros na sua rebeldia...

Passados os primeiros mezes e desvanecidas quaisquer esperanças de proximas revoltas coletivas, a guerra assumiu uma feição franca de sangria no movimento socialista revolucionario, tornando-se o Estado cada dia mais arrogante, solidificando as suas bases com o sangue das massas populares delirantes e submissas. Era o predomínio absoluto e incontrastavel da Autoridade, supermilitarizada, esmagando sob as patas brutais todos os principios de liberdade e de humanidade. Experimentava-se a sensação dum mergulho fatal numa nova noute da historia, por seculos talvez... E assim, torvo, 1915 esgotou-se e, trilhando a mesma trilha, esgotou-se 1916. O numero de beligerantes aumentava, cada ano, cada mez. A loucura guerreira empolgava todos os povos, encabrestados e tanjidos pelo punho de ferro dos senhores onipotentes... Apenas, pelo Natal de 1916, uma restea de esperança fulgiu por um momento: quando o Kaiser fez ofertas de paz. Seria a ezaustão do Estado? Mas a paz não foi feita, antes mais nações se aprestavam e se atiravam á matança. A noção do horror parecia ter fujido da conciencia dos homens... Sentia-se, no entanto, incoercível, um grande cansaço geral. Como que o torpor da nauzea invencível ante o oceano de sangue e a lassidão dos musculos batidos por um esforço excessivo e inutil... Esse, o ambiente em que estourou a grande, a extraordinária nova: «o Czar da Rússia deposto!»

Deposto o Czar, encarcerada toda a familia imperial, espulsa do poder a aristocracia, os políticos da democracia galgaram, d'um salto, as posições vagas. A Duma, parlamento á moda do ocidente, dominou a situação, nas primeiras horas. Lvov, Milukov, Rodzianko empunharam as redeas soltas da governança e tentaram o dominio democratico representativo, constitucional, com umas tinturas socialistas, numa palavra: burguezissimo. Inutilmente: a plebe, que havia reduzido a cacos o Imperio da aristocracia, não podia mais suportar nenhum imperio, mesmo que se mascarasse com o rejimem da mais blandicioza das republicas. A formação imediata dos Conselhos de Operarios e Soldados constituia como que um dique popular erigido ante as ambições das elites burguezas. Sem força a que se apoiar, a primeira tentativa de governo provizorio inevitavelmente havia de falhar. Surjiu então Kerenski, ministro da guerra e da marinha, presidente do gabinete, chefe do governo provizorio. Era a vontade ferrea, era o sonhado domador da multidão! A burguezia do mundo ezultava e batia palmas. Kerenski vinha salvar a democracia russa... Jurando fidelidade aos aliados, Kerenski tomou a peito, como obra primaria, a reorganização do exercito e a continuação da guerra á Alemanha. Foi o seu erro fundamental... O exercito russo estava minado pela indiciplina revolucionaria e anti-guerrista: não era mais, nem seria jamais um exercito no sentido classico. A diciplina é um fantasma, uma abstração, uma divindade intançível, uma verdade dogmatica e indiscutível. Desde, porém, que sofreu discussão, e foi de, concretamente desrespeitada, — pron-

CIVILIZAÇÃO?!



ESPERA QUE OS TEUS "FORNECEDORES" TE MANDEM MAIS CARNIÇA; ALGUM DIA NÓS LHES PEDIREMOS CONTAS DE TANTA VIDA IMOLADA!...

to! desfez-se o encanto, volatizou-se o fantasma! Foi o que se deu na Rússia e que a cégeira aliadofila de Kerenski não compreendeu, tentando baldadamente reconstruir um icono feito pedaços...

Os dias, as semanas, os mezes transcorreram, sacudidos por uma luta permanente e tremenda. O gabinete de Kerenski sofreu duas, trez, quatro modificações, mas era tudo em pura perda. A batalha interna tomou então uma feição aguda e travou-se diretamente entre os partidos estremitas: o da direita, com os cadetes, nos meios politicos, e com Kornilov nos meios militares, e o da estrema esquerda, com os massimalistas, cujo programa, delineado em 1905, num congresso de toda a vanguarda social russa, removia fundo nas instituições economicas e politicas. Os massimalistas defendiam a paz imediata, a espropriação da propriedade territorial e industrial, a dissolução de todo poder compressor e autoritario. Na essencia, um programa anarquico, que sintetizava velhas aspirações populares debatidas atravez dezenas e dezenas de anos do mais rude batalhar social que a historia registrará. Naturalmente, pois que nem um nem outro possuía força propria, baqueou Kornilov, para semanas mais tarde baquear também Kerenski. E' que ambos interpretavam os reacionarios desejos da casta militar e da burguezia, não as ancias libertarias da massa popular. Ora, a força esta-

IGUALDADE ECONOMICA

Sou um partidario convencido da igualdade economica e social, porque sei que fóra desta igualdade, a liberdade, a justiça, a dignidade humana, a moralidade e o bem estar dos individuos bem como a prosperidade das nações não deixarão jámais de ser o que são hoje: mentiras. Mas, partidario irredutível da liberdade, esta condição primeira da humanidade, eu penso que a igualdade deve estabelecer-se no mundo pela organização espontanea do trabalho e da prosperidade coletiva das associações produtoras livremente organizadas e federadas nas comunas, e pela federação também espontanea das comunas, mas não pela ação suprema e tutelar do Estado. (1871).

Miguel Bakunine.

va com a massa popular, era a propria massa popular, organizada nos Conselhos de Operarios e Soldados: e como é a força quem sempre decide em ultimo lugar, a massa popular, como havia derrubado o Czar, derrubou também os novos e indezejavéis messias propugnadores da ordem cezariana e da espoliação legal. Deu-se, assim, o golpe de 7 de novembro, de integração da plebe nos seus proprios destinos. O proletariado russo, punhos libertos, lançou ao mundo o grito de emancipação integral. Uma aurora esplendida anunciou aos proletariados de todas as terras o inicio duma nova era social...

Astrojildo Pereira.

Embora com repugnancia...

Dois jornais diarios, dos mais desprestigiados no conceito publico, vêm, ha alguns dias, investindo como mastins furiosos contra o Centro Cosmopolita, contra este periodico e, enfim, contra todos o que neste «paiz da liberdade», se arrogam o direito de pensar livremente e altivamente, indo de encontro ás ideias estabelecidas, sem pedir permissão a quem quer que seja.

Vencendo embora uma grande repugnancia, precisamos dar-lhes uma resposta, naturalmente resumida pela conveniencia de não desperdiçarmos tempo e espaço que podem e devem ser applicados a assunto de maior monta. De resto sabemos bastante a que inconfessaveis intuitos obedecem a intempestiva campanha aberta pelos despreziveis pasquins, para não lhe prestarmos maior atenção.

Como organismo de defeza dos interesses economicos da sua coletividade, tendo uma ezata e esclarecida noção do seu papel na luta de classes, o Centro Cosmopolita tem ferido fundo os interesses do patronato opressor e espoliador, pondo-lhe um freio aos seus pruridos ganancistas. Natural era, portanto, que esse patronato escolhesse no vasto campo da imprensa venal, quem com mais despuorado ci-

"CRIADAJEM": JORNALISTICA...

Forçado pelas ezijencias de forjicar coueinhãs que mais ou menos alinhavadas enchem as colunas do jornal, um pasquineiro qualquer, desses muitos bisborrias que por aí apodrecem nas redações a defender o pão seco com que entulham o estomago insaciavel, unico orgão que nessa jente tem função real — um desses míseros escravos espetrou sobre honrados e limpos trabalhadores a imundície de sua vileza, pretendendo num simples baralhar de palavras, meter a ridiculo uma classe que, dezerdada embora de privilegios sociais, sobrepaíra á refinada crapulice do jornalismo pulha de madraços e rufões.

Em torno da designação que melhor quadraria aos empregados de hotéis, bars etc., o obtuso e ignaro jornalista que escoucinha na edição da tarde do «Jornal do Comercio», enfileirou, á guiza talvez de «humorismo», umas tantas balelas que bem definem a mentalidade desses couzas que por aí fazem imprensa, as quais, por certo, passariam sem atenção, não fosse o proposito pequenino e sordido de ofender os honrados trabalhadores que mourejam naqueles estabelecimentos.

Não sabe o alvoragado gazeteiro como tratar aos que nos cafés e botequins lhe servem os aperitivos e quejandos — se de «garçons», moços, criados, copeiros, etc.

Para ele, purista inflexível, causa repugnancia o francezismo «garçon» — e numa intenção idiota de atassalhar opta pelo «criado». Esse vocabulo, diz, é o melhor, e o que com mais propriedade define a profissão dos que, durante horas inteiras do dia e da noite, servem as mesas onde se embebedam os que escrevem para as folhas, toda mízeria toda infâmia, toda indizível baizeza que vemos diariamente publicadas.

Diz o pobre diabo, porém, que tal designação embora com inteira propriedade, seria, para quem dela usasse, motivo de serio desgosto, pois que os moços «criados» não suportariam, sem manifestações de contrariedade, tão descortez tratamento. Ai está onde se engana o argulo jornalista.

Aos que trabalham em hotéis, «bars» ou botequins, pouco se lhe faz que os trate por esta ou por aquela designação, convencidos, como estão, de que as palavras têm o valor de suas designações e, que é muito mais «criado», no puro senso etimologico da palavra, um vil cevandija que se agarra ás farpelas dalgum bojudio proprietario de gazeta, que o mais modesto moço de café.

Demais, todos eles sabem o que são e, consequentemente o que valem esses cretinos que fazem a nossa imprensa diaria, para que lhes possam maguar quaisquer de suas habituais calinadas. A esses faldados para uma vida honesta, como diria Fialho, a quem a calunia tornou-se habito, e cuja vida cortada de baizezas e indignidades, vai desde o agredir a honra alheia, té o repartir do talamo conjugal com o sadico patrão; a esses míseros que podem dar homens decentes, sendo o mais leal dos desprezos! E' o que fazem todos os «criados» que servindo mesas, não decem ás vilezas indizíveis, ás mais repugnantes subservienças, de certos jornalistas...

Decididamente, na vida tudo é questão de palavras... X.

nismo e desfaçatez defendesse a sua cauza. Não foi difícil a escolha. E ei-los, a «Gazeta» e a «Lanterna» fazendo jús neste momento aos cobres azinhavrados dos pasteleiros, rompendo nesta ensurdecadora campanha, tudo mastificando e tudo deturpando no afan dezerdado de bem merecer a paga dos seus a alugatarios.

O Centro Cosmopolita tem merecido a insigne honra de ser chamado «associação anarquista». Infelizmente tal asseveração não é verdadeira. O seu carater de associação de classe inibe-o naturalmente de ter uma finalidade filozofica, acolhendo todos os membros da classe que queiram lutar pela sua emancipação, sem indagar das suas convicções politico-filozoficas.

Ha, entretanto, no seu seio uma ativa minoria anarquista que aproveita todos os momentos da vida social para disseminar os principios anarquistas, esforçando-se com afnco para que as deliberações da sua associação de classe tenham um cunho accentuadamente anarquico, mantendo sempre a irredutibilidade na luta contra todos parasitas sociais, inquebrantavel na enfrentar toda a casta de opressores.

Essa minoria mantem a publicação deste periodico (que em absoluto não



A imigração amarela

(Conclusão)

Atualmente, o salário do trabalhador regular, em média, 48000 por dia, cifra essa que atende ao elevado custo da vida não chega para mais do que enganar o estomago menos exigente.

Tão dolorosa situação é evidente que se agravará à medida que a conflagração se for prolongando, assumindo por certo proporções ainda maiores caso venham a ser levados por diante os vampíricos projetos do sinistro conselheiro Antonio Prado.

Consistem em conformar frizamos no precedente artigo, em estabelecer uma corrente migratória, intensiva e continuada, dos países asiáticos, a fim de baratear o trabalho no Brasil e matar a hidra da revolução social que se avizinha.

As preocupações decorrentes para o capitalismo das repetidas agitações operárias, ávidas de conquistas econômicas e morais, determinadas pela psicologia do momento, fazem com que este lance mão de todos os meios ao seu alcance para por em guarda os seus ilícitos interesses, não trepidando jamais em face de cotiza alguma sempre que intenta sufocar as justas reclamações da massa consciente.

Disse o caricato conselheiro que a imigração dos trabalhadores asiáticos impõe-se como fator inestimável do progresso nacional, dada a falta de braços com que luta o nosso industrialismo fabril e agrícola, —mas não se pejou de acrescentar, logo em seguida, que esses homens se sujeitam a toda espécie de trabalho, ainda o mais rude e pezado, em troca duma simples e ridícula remuneração.

Sinteticamente, isto quer significar que a única maneira de perpetuar a escravidão do trabalhador brasileiro é reduzi-lo às piores condições de miséria e sofrimento, pois bastaria as consequências provenientes para esfriar nele todo e qualquer prurido reivindicador que por ventura possa ter.

A primeira vista, parece que o ladravaz fazendeiro exprime num conceito alguma coisa lógica e razoável. A verdade, entretanto, é muito diversa.

Multiplicando-se as dificuldades econômicas dos operários, não tardará que o mais cruel desespero lhes convulsione o espírito, ante a perspectiva da fome mais extrema e dilacerante. E então...

Então dar-se-á fatalmente este fenómeno: estando em absoluta desarmonia todos os fatores sociais, a explosão revolucionária renarrará a efervescência do odio popular contra os causadores dos males que afetam a família proletária.

E' sabido que a necessidade é má conselheira e, mais ainda, que não conhece leis, — como, aliás, as não conhece a própria burguezia sua proleitoria... Por conseguinte, resta ao povo um único recurso: a Rebelião exercida por todas as formas e feitios, com persistência e tenacidade, até ao completo advento do Direito e da Justiça.

Se é para este campo que se pretende arrastar as vítimas da exploração capitalista, estas certas de que não haverá sequer um só operário que se recuse ao cumprimento de seu dever. E' preferível morrer, gloriозamente, em luta desigual, varado por uma bala homicida das mastins do Poder, — a succumbir, como um cobardo, no fundo de qualquer sarjeta, atassalhado pelas garras da miséria e da lazeira.

O exemplo da Rússia é bastante significativo. Lá, o povo, cansado de suportar uma autocracia secular, empunhou o gladio vingador fazendo justiça por suas mãos. Socializou a terra e os instrumentos de consumo e de trabalho; confisou os bancos e as casas de penhores, assumindo o controle da riqueza publica; acabou com honras e títulos nobiliárquicos; numa palavra, proclamou o reinado do Trabalho, onde só tem direito à vida os que labutam em benefício da coletividade.

E tudo isto, que é belo, sem deixar de ser incompleto, merca da reação politico-burgueza, porque não o ha de iniciar o povo brasileiro? Porque não há de o escravo levantar-se e gritar para o senhor?

— Fora, bandido! O tempo da uzura e da exploração já findou! Todos somos iguais, todos fomos jurados no mesmo ventre materno. Portanto, oh sejam os deus amigos, camaradas, ou morte para si como um repêtil nojento!

... Ah! Como seria então sublime ver surgir das trevas de hoje a aurora radiosa do Amanhã!

S. Paulo, Fevereiro de 1918.

Andrade Cadete.

N. do A.—O primeiro artigo desta serie saiu cheio de incorreções, como palavras trocadas e outras emitidas, certamente por descuido da revisão. Corrijam-se, seria uma massada algo estúpida, especialmente para a paciência do leitor, em razão do que me limito a pedir-lhes a benevolência para a falta... que por mim não foi cometida.

A. C.

é órgão oficial do Centro Cosmopolita que não oculta, antes proclama as suas simpatias profundas pelos ideais de redenção humana, desenvolvendo uma propaganda tendente a emancipar a classe de que é órgão — dos nefastos sofismas políticos e sociais que poderosamente contribuem para manter os trabalhadores sob o domínio da exploração capitalista apoiada pelo Estado.

Mas, como não pretendemos reeditar agora as razões das nossas convicções politico-filosóficas, mesmo porque o conhecimento delas está ao alcance de quem quer que nos haja acompanhado nestes dois anos de publicação, aqui ficamos, por hoje.

E ai têm os repulsivos gazeteiros um pano de amostra da nossa incomensurável audácia: ao em vez de virmos a publico penitenciar-nos do crime hediondo de professar ideias anarquistas, ainda nos atrevemos a fazer praça dessas ideias perigosas...

Decididamente o Brasil caminha a passos gigantescos para a ... Rússia!

UM PROGRAMA MINIMO DE ANARQUIA

A ação do individuo é livre; a sua limitação fica adstrita à impossibilidade material ou humana de fazer ou não fazer as coisas. NÃO havendo individuo obrigado a fazer ou não fazer as coisas, nenhum instrumento social haverá de repressão. A sociedade não reconhece sacrifícios individuais nem a ociosidade. O individuo é senhor e responsável pelas suas ações, pela sua vida e é livre de dispor de si.

O individuo fraco ou ameaçado em sua vida e liberdade pode recorrer para dezoito ou auxílio de outrem. Neste caso os atos de ataque ou de defesa são de plena responsabilidade de quem os executa. A sociedade não tem direito de julgar os fatos que disso decorrem.

AS comunidades podem crear elementos de defesa comum, sem capacidade de punição ou cercamento de liberdade de outrem.

NÃO haverá reconhecimento de paternidade. As uniões intersexuais são livres como as indivíduos que a elas recorrem.

A FAMÍLIA é o consenso de seus membros e terá a estensão que lhe queiram dar esses mesmos membros.

Em nome dela não poderá o individuo ter exceções que lezem a comunidade. A família tem capacidade de defesa por meios próprios contra atentados ou usurpações alheias, mas nem pode julgar nem ser julgada.

NÃO haverá convenção que ultrapasse o período de existencia daqueles que a fizeram.

A PALAVRA escrita ou falada não obriga ninguém a mais ou a menos que a fe' da coisa tratada.

NÃO poderá haver nenhuma relação de individuo a individuo que se baseie em autoridade. Não ha direito de mando, nem derer de obediencia.

E' livre o individuo desde quando lhe é possível prover a propria subsistencia. Não havendo autoridade paternal nem individual, não haverá também publica.

E' abolido o Estado desde as suas formas elementares até as suas derradeiras consequências, subsistindo apenas a sociedade livre baseada nas transitórias necessidades comuns.

NÃO abolidas as leis existentes; serve de lei a necessidade comum e ocasional; durante o tempo da necessidade que a convençiem sem que a ela obrigue quem quer que seja.

E' abolido a propriedade desde as suas primeiras até as suas derradeiras consequências. O individuo só poderá possuir aquilo que se considera parte integrante ou complementar de sua pessoa e que esteja imediatamente sob seu domínio.

A MOEDA é declarada sem valor. Não ha padrão para avaliá-la; qualquer objeto pode representar valor si assim o convençiem os individuos entre si sem que essa convenção obrigue a outrem.

A sociedade não reconhece nem garante transação de especie alguma baseada sobre a moeda ou coisa que a represente.

E' abolido o capital em todas as suas formas e modalidades.

Domingos Ribeiro Filho.

PASTEIS...

O numero passado d'O COSMOPOLITA foi "quazi um escandalo, pela quantidade e pela gravidade dos pastéis que escaparam à revisão. Dizem "quazi um escandalo, porque evidentemente constituiu atenuante consideravel, no tocante a "pasteis, o fato de ser este periodico uma folha de empregados de pasteleiros!"

Apezar disso queremos arcar integralmente com as responsabilidades e... emendamos a mão. Vejamos, pois os pastéis mais graves.

Em primeiro lugar: «Um programa minimo de anarquia», que hoje reproduzimos, devidamente concertado, e que saíra com um titulo inominavel... No «Elojio do odio», do velho Gomes Leal, além da inequidade das palavras «o revel», escapou um plural demaziado no verso «E' o odio a ti, mulher, que espóis «teus seios» ao insulto; deve ser «... teu seio...», pois que o plural aumenta ao verso uma sílaba que o desconjunta. O artigo sobre «Krilenko» saiu uma couza absolutamente... «enkrilenkada»! Não só houve uma indebita substituição de um «k» por um «e», no final do nome-titulo, como, peor que isso, evaporou-se, na hora da pajinação, todo o trecho final do artigo, que aqui reproduzimos, acompanhado do nome do autor e do jornal donde o traduzimos:

Grande inimigo da burguezia, sustentou uma torte propaganda contra a primeira Duma, composta por uma maioria de burguezes.

Com os dias sangrentos de Stolipine, Krilenko desapareceu. Agora de novo reaparece á cena com o seu verdadeiro nome.

O «camarada Abraão», que com tanto vigor se insurja contra Milukov, é agora o comandante-chefe do exercito revolucionario que se opoz á burguezia.

De The Day, New York.

— Agora, entremos noutra seara,

Palavras de Bakunine

Eu sou um pesquisador apaixonado da verdade e um inimigo não menos encarniçado das malféticas ficções de que o partido da ordem, este representante oficial, privilegiado e interessado de todas as torpezas religiosas, metafísicas, politicas, jurídicas, economicas e sociais, presentes e passadas, pretende servir-se ainda hoje com o fim de bestificar e gervilizar o mundo. Amo com fanatismo a liberdade, e considero-a como o unico meio no qual possam desenvolver-se e engrandecer-se a intelligencia, a dignidade e a felicidade dos homens; não dessa liberdade toda formal, concedida, medida e regulamentada pelo Estado, mentira eterna, e que na realidade não representa mais que o privilegio de alguns fundado sobre a escravidão de todo o mundo; não dessa liberdade individualista, egoísta, mesquinha e ficticia, pregada pela escola de J.-J. Rousseau, bem como por todas as outras escolas do liberalismo burguez, e que considera o tal direito de toda a gente, representado pelo Estado, como o limite do direito de cada um, que acaba necessariamente o sempre na redução do direito de cada um a zero. Não, eu entendo por liberdade, unica verdadeira liberdade digna desse nome a liberdade que consiste no pleno desenvolvimento de todas as potencias materiais, intelectuais e morais que se encontram em estado de facultades latentes em cada um; liberdade que não reconhece outras restrições que as que nos são traçadas pela lei da nossa propria natureza; e de sorte que propriamente falando não ha restrições, pois que essas leis não são impostas por nenhum legislador exterior, rezidindo ao lado ou acima de nós; elas nos são iminentes, inerentes, e constituem a base mesma de todo o nosso ser, tanto material, como intellectual e moral; e, vez, pois, de ter limites nelas, nós devemos considerá-las como as condições reais e como a razão efetiva da nossa liberdade.

Como a liberdade de cada um compreendo, sim, essa que, longe de parar ante a liberdade de outrem, como diante duma barreira, ao contrario encontra nela a sua confirmação e a sua estensão ao infinito; a liberdade eliminada de cada um pela liberdade de todos, a liberdade pela solidariedade, a liberdade na igualdade; a liberdade triunfante sobre a força brutal e sobre o principio de autoridade, que sempre foi a expressão ideal dessa força; a liberdade que, apoz ter derubado todos os ídolos celestes e terrestres, fundar e organizar um mundo novo, o mundo da humanidade solitaria, sobre as ruínas de todas as Igrejas e de todos os Estados. (1871).

reconhecerá a nacionalidade como um fato natural, tendo incontestavel direito a uma existencia e um desenvolvimento livres, mas não como um principio, — pois que distingue um principio é o seu caracter de universalidade, e a nacionalidade, sendo, ao contrario, um fato esclusivo, separa e não universaliza. O chamado principio de nacionalidade, tal como tem sido enunciado pelos governos da França, da Rússia e da Prussia e mesmo por muitos patriotas alemães, polacos, italianos e húngaros, não é mais que um derivativo oposto pela reação ao espirito da revolução: eminentemente aristocratico no fundo, chegando ao desprezo pelos dialetos das populações não lotradas, negando implicitamente a liberdade das provincias e a autonomia real das comunas, e sustentando, em todos os países, não pelas massas populares, cujos interesses reais sistematicamente sacrificia em nome do «bem publico», que não é mais que o bem das classes privilegiadas, — esse principio exprime unicamente os pretensos direitos historicos e a ambição dos Estados. Assim, pois, o direito de nacionalidade não poderá jamais ser considerado... sinão como uma consequencia natural do principio supremo da liberdade, cessando de ser um direito desde o momento em que se apresenta contra a liberdade, ou mesmo somente fora da liberdade.

A historia nos prova que jamais as nações se sentiram tão poderosas no exterior como nos momentos de mais profundas agitações e perturbações no interior, e que ao contrario jamais foram tao fracas como nos momentos em que appareciam unidas sob uma autoridade ou uma ordem harmoniosa qualquer. Realmente, nada de mais natural: a luta é a vida e a vida é a força. (1870)

Procurando o impossível é que chomem tem sempre realizado e reconhecido o possível, e esses, que se tem limitado prudentemente ao que lhes parece o possível, jamais avançaram um só passo. (1870)

Wiguel Bakunine.

O proximo numero d'O COSMOPOLITA só saíra a 8 de abril em vista do consideravel atraso com que saí o presente. Além desta circunstancia concorre para esse retardamento a necessidade de ultimarmos a confeção do historico do C. Cosmopolita.

engulimos os pastéis, e rebatamos certa censura que nos chegou aos ouvidos. Referia-se ela ás palavras e insinuações «indecentes e pornograficas» contidas na noticula «Duas sílabas menos». Eis o que pensamos a tal respeito:

Primeiro. Este periodico não é propriamente uma folha para damizelas e meninos de internato.

Segundo. As palavras em si não são indecentes nem decentes, pornograficas nem impornograficas, boas nem más. São palavras com que se exprime o que se gramam corizas. As couzas é que são indecentes ou decentes, etc.

Ora, quando uma couza é «indecente» ha de ser expressa ou gratada com uma palavra «decentes», só para não ofender a ouvidos e olhos pudicos? Não: preferimos chamar aos bois de bois, com precizão e propriedade. Foi o que aconteceu á reierida noticula, e que talvamos da indecencia de réclamos elitorais pelas sarjetas e da indecorosa imoralidade parlamentar...

Admitimos que os iniciadores do projeto não supunham nem pretendiam que as coisas fossem tao longe. E' provavel que tentara ser perado obter resultados mais largos com sacrificios menores. Mas em empresas dessas entra sempre um elemento de risco profissional, embora desta vez a vítima não fosse o proprio provocador, mas o coronel Krauze e os seus matadores. Os proprios jornalistas patriotas russos, hostis á Nossa Palavra, formularam a supozição de ter o proprio agente provocador dado aos soldados o nosso jornal, no momento proprio.

Tentai, sr. Ministro, proceder a um inquerito nesse sentido, por intermedio do sr. Malvy. Não confieis nesse meio? Nem eu tampouco. Porque, sejamos francos, os agentes provocadores são pelo menos tao precizos para a pretensa «defeza nacional» como os ministros socialistas. E vós, Julio Guesde, tendo assumido a responsabilidade da politica exterior da 3ª Republica, da Aliança franco-russa com suas consequências, das pretensões mundiais do tzarismo, de todos os fins e metodos desta guerra, outro remedio não tendes senão acallar, com os destacamentos simbolicos de soldados russos, os altos feitos nada simbolicos dos provocadores de S. M. 6 Tzar.

No inicio da guerra, quando eram distribuidas ás mancheias as promessas jenerozas, o vosso companheiro mais chegado, Sembat, fizera entrever aos jornalistas russos a mais benéfica influencia das democracias aliadas sobre o regime interno da Rússia. Era aliáz o argumen-

Uma carta de Trotski

Damos a seguir, transcrita da Sementeira, n. de janeiro ultimo, a estupenda carta que Trotski dirigiu a Julio Guesde, quando o governo francez, de que fazia parte o socialista Guesde (o velho socialista internacionalista revolucionario Julio Guesde?), rezolveu espulsa-lo de França, em fins de 1916. Mordaz e vibrante, esta constitui uma pajina duplamente preciosa: como documentação do valor intelectual de Trotski como ensinamento valioso para o proletariado...

Paris, 11 de Outubro de 1916.

Ao Sr. ministro Julio Guesde,

Ministro do Estado.

Sr. Ministro.

Antes de deixar o solo francez, acompanhado por um commissario de policia, que personifica as liberdades a que estais de guarda no seio do Ministerio nacional, creio do meu dever exprimir-vos alguns pensamentos que provavelmente de nada vos servirão, mas pedirão no-menos servir contra vós.

Expulsando-me de França, o vosso colega sr. Malvy não teve a coragem de me dizer os motivos de tal medida. Outro colega vosso, o Ministro da Guerra, não achou tampouco conveniente indicar-me as causas da prohibição do jornal russo A Nossa Palavra, que me contava entre os seus redatores e que suportou durante dois anos todas as torturas da censura, a qual no entanto funciona sob a direção do mesmo ministro.

Não vos ocultarei, porém, que para mim nenhum misterio tem os motivos da minha expulsão: trata-se de medidas repressivas contra a socialista internacionalista, um dos que não querem assumir o papel de advogado ou de escravo voluntario da guerra imperialista.

Mas se os motivos da medida que me atinge não me foram dados a mim, o interessado, foram em compensação espostos pelo sr. Briand aos deputados e jornalistas.

Em Marselha, alguns soldados russos amotinados mataram, em Agosto, o seu coronel. As buscas feitas mostraram que alguns desses soldados possuíam numeros da Nossa Palavra. Tal é pelo menos a versão do sr. Briand em sua conversa com o deputado Longuet e com o presidente da comissão dos negocios estrangeiros da Camara, o sr. Leygues, que a transmitiu aos jornalistas da imprensa burgueza russa.

E' certo que o sr. Briand não ousou afirmar que A Nossa Palavra, sujeita á sua propria censura, tivesse sido a causa imediata do assassinato do oficial. A sua idéa pode exprimir-se assim: encontrando-se em França soldados russos, necessario se torna varrer do solo da Republica A Nossa Palavra e seus redatores, pois um jornal socialista que não semeia iluzões nem mentiras poderia, no dizer inoidivavel do sr. Renaudel, desmoralizar os soldados russos, e empurrá-los para o caminho perigoso da relesão.

Infelizmente, porém, para o sr. Briand, a sua explicação assenta num escandaloso anacronismo. Gustavo Hevry, então membro ainda da comissão administrativa permanente do vosso partido, escrevia o ano passado que, se Malvy espulsa de França os refugiados russos, réus de internacionalismo revolucionario, ele, Hervé, garantia que a opinião publica dos seus porteiros acceitaria sem objeções esta medida, — por seia sem duvida inspirada num dos gabinetes do ministerio. Nos fins de Julho, o mesmo Hervé segredava oficialmente que eu seria espulso de França.

Na mesma época, sempre antes do assassinato do coronel em Marselha, o professor Durkheim, presidente da comissão nomeada pelo governo para se ocupar dos refugiados russos, informava o representante destes da proxima supressão da Nossa Palavra e espulsação dos seus redatores (vide A Nossa Palavra de 30 de Julho de 1916).

Assim, tudo estava de antemão preparado, inclusive a opinião publica dos porteiros do sr. Hervé. Só se aguardava o pretexto para vibrar o golpe decisivo. E o pretexto achou-se: os desgracados soldados russos no momento oprimidos — no interesse de alguém — mataram o seu coronel.

Esta providencial oportunidade dá motivo a uma supozição que temo possa melindrar o vosso pudor ministerial ainda fresco. Os jornalistas russos que se occuparam particularmente do incidente de Marselha estabeleceram que neste caso, como em quazi todos os casos analogos, um dos papéis ativos foi desempenhado por um agente provocador. E' facil perceber-lhe os fins, ou antes, os dos canalhas que o dirigiam. Precizavam d'um excesso qualquer da parte dos soldados, primeiro para justificar aquele rejime de kant, um tanto chocante para as autoridades francezas, depois para dar pretexto a perseguições contra os refugiados russos, que aproveitam a hospitalidade franceza para, durante a guerra, desmoralizar os soldados do tzar.

Admitimos que os iniciadores do projeto não supunham nem pretendiam que as coisas fossem tao longe. E' provavel que tentara ser perado obter resultados mais largos com sacrificios menores. Mas em empresas dessas entra sempre um elemento de risco profissional, embora desta vez a vítima não fosse o proprio provocador, mas o coronel Krauze e os seus matadores. Os proprios jornalistas patriotas russos, hostis á Nossa Palavra, formularam a supozição de ter o proprio agente provocador dado aos soldados o nosso jornal, no momento proprio.

Tentai, sr. Ministro, proceder a um inquerito nesse sentido, por intermedio do sr. Malvy. Não confieis nesse meio? Nem eu tampouco. Porque, sejamos francos, os agentes provocadores são pelo menos tao precizos para a pretensa «defeza nacional» como os ministros socialistas. E vós, Julio Guesde, tendo assumido a responsabilidade da politica exterior da 3ª Republica, da Aliança franco-russa com suas consequências, das pretensões mundiais do tzarismo, de todos os fins e metodos desta guerra, outro remedio não tendes senão acallar, com os destacamentos simbolicos de soldados russos, os altos feitos nada simbolicos dos provocadores de S. M. 6 Tzar.

No inicio da guerra, quando eram distribuidas ás mancheias as promessas jenerozas, o vosso companheiro mais chegado, Sembat, fizera entrever aos jornalistas russos a mais benéfica influencia das democracias aliadas sobre o regime interno da Rússia. Era aliáz o argumen-

to supremo com o qual os socialistas governamentais da França e da Belgica tentavam, com perseverança mas sem resultado, reconciliar os revolucionarios russos com o tzar.

Vinte e seis mezes de constante colaboração militar, com a communhão dos jeneralissimos, dos diplomatas, dos parlamentares, com as visitas de Viviani e Thomas a Tzarques-Selo, em suma vinte e seis mezes de simulação ininterrupta das democracias occidentais sobre o tzarismo fortaleceram no nosso páiz a mais arrogante reação, suavizada apenas pelo caos administrativo, e ao mesmo tempo aproximaram enormemente o rejime interior de França e Inglaterra do da Rússia. As jenerozas promessas do sr. Sembat, como se vê, valeram mais do que o seu carvão. A triste sorte do direito de azilo mostra-se assim apenas como um berrante sintoma da tirania soldadesca e policiesca d'aquem e d'além Mancha.

O enforcador de Dublin, Lloyd George, imperialista febreiro com maneiras de Clergyman obrio, e o sr. Aristides Briand, cuja feição característica deixou ao vosso cuidado procurar nos vossos artigos de outros tempos — essas duas figuras espiem do melhor modo o espirito da guerra actual, o seu direito, a sua moral, os seus appetes pessoais e de classe. E que digno parceiro para ambos esse sr. Sturmer, alemão russo de lei, que fez carreira agradao ás sotainas dos metropolitas e ás saias das boatas da corte! Que incomparavel trio! Decididamente, a historia não podia acallar a Guesde-ministro, melhores colegas e chefes!

«Pode porventura um socialista honesto deixar de vos combater? Vós transformastes o partido socialista num coro docil que acompanha os corifeus do banditismo capitalista, um oceazio em que a sociedade burgueza — da qual vós, Julio Guesde, eris há pouco inimigo mortal, — desnuado de todo a sua verdadeira natureza. Dos acontecimentos preparados per um periodo inteiro de pilhagem mundial, cujas consequências tantas vezes vos dissemos, de todo o sangue vertido, de todos os sofrimentos, vós, Julio Guesde, só tiráreis o proletariado francez um unico ensinamento: que Guilherme II e Francisco Joza são dois criminosos que, ao contrario de Nicolau II e do sr. Poincaré, não respeitam os regras do direito internacional!

Uma jeração inteira de juventude operaria franceza, novos milhões de trabalhadores, acordados moralmente pela primeira vez pelos raios da guerra, não ficam sabendo sobre as causas desta catastrophe do velho mundo senão o que ha por bem dizer-lhes dela o livro amarelo dos sr. Delcassé, Poincaré e Briand. Ante esse novo Evangelho dos povos, vós, velho chefe do proletariado, caistes de joelhos e reuegastes quanto havieis aprendido e ensinado na escola da lutade classes.

O socialismo francez, com o seu inzeaurível passado, a sua maguifica falange de pensadores, lutadores e martires, achou finalmente — que queda e que vergonha! — um Renaudel para traduzir dia a dia, na época mais trágica da historia, os elevados pensamentos do livro amarelo numa lingua de imprensa da mesma cor.

O socialismo de Babeuf, Saint-Simon, Fourier, de Blaugui e da Comuna, de Jaurés e Julio Guesde, — sim, de Julio Guesde também! — encontrou enfim o seu Alberto Thomas para deliberar como Romanoff sobre os meios mais seguros de se apposar do Constantinopla; o seu Marcel Sembat, para passar a sua despreocupação de dileitante por cima dos cadáveres e das ruínas da civilização franceza; e o seu Julio Guesde para seguir tambem o carro do triunfador Briand.

E supuzestes, esperastes que o proletariado francez que, nesta guerra sem idéas nem saída, é sangrado até á derradeira gota pelo crime das classes dirigentes, hade caladamente suportar até ao fim este pacto vergonhoso firmado entre o socialismo oficial e os seus piores inimigos! Esgaustes-vos. Surje uma opozição. A despeito do estado de sitio e dos tutores do nacionalismo, que sob formas diversas — realista, radical ou socialista — conserva a sua substancia capitalista sempre identica, a opozição revolucionaria avança passo a passo e ganha terreno todos os dias.

A Nossa Palavra, o jornal por vós estrangulado, vivia e respirava na atmosfera do socialismo francez que despertava. Arrancado do solo russo pela vontade da contra-revolução, vencedora com a ajuda da Bolsa franceza, — que vós, Julio Guesde, servis actualmente, o grupo da Nossa Palavra tinha a satisfação de refletir, ainda que da maneira incompleta permitida pela vossa censura, a voz da seção franceza da nova Internacional, que surte no meio dos horrores da guerra fratricida.

Na nossa qualidade de estrangeiros indezejavéis, nós que ligamos o nosso destino á opozição franceza, sentimo-nos orgulhosos por ter recebido os primeiros golpes do Governo francez, do vosso governo, Julio Guesde.

Com a opozição franceza, com Menster-Merheim, Saumoneau, Rosmer, Bourdeon-Loriot, Guilbeaux e tantos outros, empantalhados a honra de ser acuzados de jermanofilia. O seminario do 7000 amigo Plekhanoff, vosso socio tanto na gloria como na queda, folha que publica em Paris, denunciava-nos semanalmente á policia do sr. Malvy como agentes do estado-maior alemão. Danes coheciéis o valor de tais acuzações, pois tivestes tambem a subida honra de lhes servir de alvo. Agora, conferis a vossa aprovação ao sr. Malvy, quando rezume no governo da defeza nacional os relatorios dos seus bufos. Ora no meu cadastro politico figura uma condenação recentissima a cadeia, pronunciada contra mim á revelia, já durante a guerra, por um tribunal alemão e motivada pela minha brochura sobre A guerra e o internacionalismo.

Mas mesmo fora desse fato brutal de molde a impor-se ao «rebro policial do sr. Malvy, julgo-me no direito de afirmar que nós, internacionalistas revolucionarios, somos para a reação alemã inimigos muito mais perigosos do que todos os governos dos Aliados.

A sua hostilidade contra a Alemanha não passa de rivalidade de concorrentes, ao passo que o nosso odio revolucionario contra a sua classe dirigente é irreductivel.

A concorrencia imperialista pode tambem reconciliar os irmãos inimigos: se se realizassem os projetos de esmagamento completo da Alemanha, a Inglaterra e a França procu-

O mestre das petisqueiras "abdicando"

Satisfazendo um velho habito, lia eu, ha dias, «A Noite», quando deparei nos «Ecos e Novidades» um topico que se referia a uma curiosa coincidência a proposito do atentado contra o ministro da marinha. Lembrava aquelle espertinho a circumstancia de ser 168 o numero do predio, o qual somado-se-lhe mais um, perfazia o total de 169, que havia sido a centena sorteada naquele dia...

Asseverava «A Noite» que, se não fora a campanha policial de repressão ao jogo, os «bicheiros» teriam levado um rombo formidável, pois que os viciados logo decidiram que que nesse dia sairia o porco com 169.

A esse proposito tenho uma historia a contar aos leitores d'O COSMOPOLITA.

Como todos sabem, depois que o projeto 125 foi convertido na lei que, sob o numero 1906, foi posta em vigor, tem sido um problema de solução complicada, oferecido ao bestunho patronal, esse da organização dos horarios... sem aumento de empregados. Alguns mais «rapozas» tomaram a resolução de fazer dos seus empregados, batalhões de «interessados». Entre eles fulgura como estrela de primeira grandeza, o proprietario da «Vila de Barcellos», o qual naturalmente para se furtar ás exigencias da lei, fez seus «interessados» alguns empregados.

Ora, esta resolução do proprietario da «Vila» não deixou de causar uma certa estranheza áqueles que sempre o ouviram dizer que, se não se estabeleceria a ha mais tempo, fora porque nunca quizera ter socio, e, sempre fonfaroneando, acerençava que não queria estar sujeito a dar satisfações a ninguém.

Era natural, pois, que conhecendo estas opiniões procurasse saber quais eram os seus novos socios, bem como em que consistiria a nova sociedade, e qual não foi o meu espanto ao saber que o «Perneta» era um deles! Ao principio não quiz dar credito á incrível nova. Mas, por por fim, tive que render-me á evidencia do fato. Esplicar-me como ficou organizado o conchavo para que os novos socios do Coronel não fossem atinjidos pela lei. O chefe da cozinha, (que antes fizera um longo discurso no C. C., aconselhando aos colegas a que não acutissem interesse porque isto era um embuste dos patrões) resolveu aceitar os 5 por cento que lhe foram oferecidos; o Carlos (o gerente) outros cinco e o tal «Perneta» 3 por cento. E assim ficou resolvido o problema...

Isso lembrou-me uma coincidência semelhante áquella referida pela «A Noite», a qual me teria custado algo caro, se não fora a supradita perseguição ao jogo. Os dois (o da bomba e o da «Vila») trouxeram-me a ideia de uma «fzinha no «bicho», e decifrei: 5 é o grupo do cachorro; 3 é burro (nem de proposito...)

Ora: 5 + 3 = 10 + 3 = 13; ficam 77, que tigre. E organizei a «chapa do seguinte modo: antigo (por principios...) tigre; moderno; solteiro, outro cachorro e no rio atirei o burro... Arriscaria o capital de 8\$000, mas não me foi possivel encontrar um «bicheiro» e, assim não joguet.

A tarde fui ver o resultado perderia tudo por não saber adivinhar. Dera vaca, galo, jacaré e borboleta...

E estava certo porque uma da vaca é 100, que é o total; o galo é do grupo 13, que é a porcentagem dos fracs; o borboleta pertence ao grupo 4; e finalmente, o jacaré... o jacaré... eu devia lembrar-me da cantiga popular:

Somos tres jacarés... Bilhafoles.

Desmacarando um tartufo

Pedrozo quer ajir em S. Paulo

A Liga dos Operarios de Calçado, do Rio, vai publicar, segundo lemos na «Lanterna» do dia 6 do corrente, um vibrante manifesto contra os anarquistas que exploram (!!) os operarios de S. Paulo, acrescentando que elle é resultante da observação feita pela comissão que aqui veio a pedido da União dos Artífices Sapateiros, a fim de reorganizar a respectiva classe.

Para edificação dos leitores, reproduzimos um dos topicos mais subjetivos do alludido manifesto.

«O operariado, iludido por calculos mentirozos que o sindicalismo vernuelho inventa para propagar-se as suas obras subversivas; excitado por jornalecos de que vivem alguns parazitas que pregam descaradamente o roubo, o assassinio, a prostituição, a anarquia e tudo o mais contrario ao bom senso e á razão, sahio do seu lar, onde, embora mal, ia vivendo, para encharcar com seu sangue as ruas da cidade e legar a familia o direito de ser escravo. Triste espectáculo!»

Leram? Apreciaram? Pois muito bem. Cujando-nos primeiramente á passagem grifada por nós, vamos formular á Liga dos Operarios de Calçado do Rio as seguintes interrogações:

Quando pregaram os anarquistas de S. Paulo a pratica do roubo, do assassinio e da prostituição? Como se chamam os anarquistas que tal fizeram? Em que associações, comícios ou conferencias adotaram elles semelhante linguagem.

Tratando-se duma acuzação de tamanha gravidade, a qual envolve a boa reputação e a dignidade dos militantes operarios desta cidade, a Liga tem a restrita obrigação de apresentar as provas do que afirma, sob pena de passar, de fato, por uma réles caluniadora.

Em segundo lugar, jornalistas parazitarios vivendo a custa dos operarios só conhecemos os da imprensa politica burgueza, pois que serve-se da ignorancia dos mesmos para lhes encher o cerebro de preconceitos e de prejuizos de toda ordem. A «Lanterna», por exemplo, está incluída nesse numero. Tanto assim, que tendo atacado enjericamente a oligarquia paulista pelas violencias e arbitrariedades ezercida contra os operarios organizados, cahiu agora no papo da inimiga da vespera, não se causando de lhe inconstar os atos. Ora quem sustentará a «Lanterna» senão o dinheiro do povo trabalhador? Logo, «parazitas» e «exploradores» são apólos que cabem perfeitamente apenas aos mastins que nos ladram ás camelas...

A culpa de o sangue proletario ter encharcado as ruas, só poderia ser attribuída aos anarquistas se elles se chamassem Matarazzo, Crespi, Gamba e fossem agraciados com condecorações e titulos de nobreza...

Porque a verdade é esta: estes senhores, a proposito da guerra e com o apoio das autoridades têm tripudiado de tal maneira sobre a miséria do povo que este, se ainda tem pelo, não tardará, no entanto, a perdela, como já perdeu o direito de reunir e de vir á praça publica clamar aquilo a que tem jus. O fato de a Comissão da Liga dos Operarios de Calçados carioca ter podido organizar (?) a União dos Artífices Sapateiros de S. Paulo, torna, aliás, bem patente a série de prepotencia das nossas autoridades a respeito do movimento operario local.

Até ao passo que essa Comissão ajir com carta branca, tendo até o consentimento da policia para distribuir boletins ás portas das fabricas — como assevera o referido manifesto — aos operarios paulistas nem sequer é permitido que falem da sua situação, dia a dia mais agravada pela dezoorganização em que são forçados a se manter.

Semelhança tato demonstra á evidencia esta couza que está no espirito de toda jente: é que os politicos de S. Paulo querem transformar o operariado em instrumento dos seus caprichos e ambíçõs inconfessáveis, assoldando para dirijir-lhes as associações qualquer secreta audaçao, como o sr. Custodio Pedrozo Guimarães, presidente da Liga autora da terrível catilinaria contra os anarquistas da famosa terra dos bandeirantes...

Voltaremos ao assunto, se a isso nos autorizar a illustre redação d'O COMBATE.

Andrade Cadete. Transcrito d'«O Combate», de S. Paulo.

Companhia Hanseatica

Bebam as cervejas

Polar, Cascatinha, Iracema e Sumaré

Fabricadas com agua da Tijuca, captada na propria nascente

O graficos e a U. G. dos Trabalhadores

Cauzou, como é natural, uma impressão de profunda lastima a attitude da classe grafica, reunida no seu respectivo organismo sindical, repellido, insolita egressivamente, as bases da União Geral dos Trabalhadores.

Certo, ninguém pode contestar aos camara as da Associação Grafica do Rio de Janeiro o direito de recuzar a sua solidariedade a este ou aquele organismo federativo. Mesmo poque, cada qual é senhor absoluto do seu nariz. Mas o que é positivo é que o modo, pelo qual os graficos chegaram áquella resolução, aberra lamentavelmente das boas normas de proceder dos proletarios inteligentes e concientes.

E esta impressão dezagravel é tanto mais fundada, quanto, se lê nos jornais que noticiaram a celebre reunião, ter um orador bombastico classificado os graficos de «flor intelectual do operariado universal»...

O COSMOPOLITA felicita calorosamente a reduzida minoria que com denodo soube opor-se á prepotencia de uma maioria inconciente.

(Conclui no proximo numero)

OS HORARIOS DE TRABALHO Um folheto util

O C. Cacaba de publicar em folheto os dispositivos da lei municipal sobre as horas de trabalho, acompanhando-os das seguintes considerações:

Acompanhando a publicação do decreto municipal n. 1906 de 2 de Janeiro ultimo, estabelecendo o descanso semanal e regulando as horas de trabalho das classes que compõem o Centro Cosmopolita, precisamos dirijir-vos algumas palavras, fazendo considerações que julgamos das mais oportunas, no momento em que nos empenhamos na maior e mais seria das lutas que a nossa historia corporativa tem registado.

Achamos, pois, da mais alta importancia explicar-vos o que vale a lei, quando nos seus dispositivos viza favorecer uma determinada corporação de proletarios, que se não interessam diretamente por effctivos.

O Estado é, por ecclencia, o

representante dos interesses capitalistas. Quando a lei traduz o interesse direto desse Estado pode ser qualificada de «direito da força», porque é garantida e sustentada pelo poder das suas baonetas.

Dá-se, porém o contrario quando o sintetiza uma aspiração popular, correspondendo mais ou menos ao interesse dos trabalhadores. Nesse caso a lei constitui a «força do direito», porque o Estado não deembainha a sua espada para defende-la.

Ora, claro está que, colocados numa dezigualdade de direitos perante o seus exploradores, os proletarios não podemos, de maneira nenhuma, confiar na ação tutelar dos governantes; pelo contrario: devemos desconfiar sempre dessa tutela, devemos, cada um de nós, constituir uma guarda avançada da «força do direito».

Todos nós sabemos a serie de esforços e sacrificios injentes que custou a obtenção da lei de 2 de janeiro; sabemos igualmente a sorte que a aguardava, se o Centro Cosmopolita, concio das suas responsabilidades de representante genuino e ativo da classe, não tivesse tomado a oportuna iniciativa de ajitar a classe, chamando-a á deteza dos seus direitos. A classe ajitou-se e preparava-se para um movimento revista, no intuito de ezjir o cumprimento da lei.

Café e Bilhares do Campo

Casa especial em, café, chocolate, leite de Minas, mingaus, gomadas e ceias

ABERTO ATE' A' 1 HORA DA NOITE

José Antonio de Azevedo

R. Frei Caneca, 1

Canto da Praça da Republica e esquina da Rua Barão do Rio Branco

TELEPHONE: C. 3759

RIO DE JANEIRO

Fabrica de Cerveja Oriente

de José Vasquez Ferro

Rua Visconde do Rio Branco 30



GARIBALDI

Pitoresco parc ao ar livre

(Entrada pela rua da Constituição 53)

TELEPHONE C. 1573

Rio de Janeiro

Leiam "O Cosmopolita"!

Edgard Leuenroth

Depois de longos mezes de infame e iniquo encarceramento acaba de ser posto em liberdade, em virtude da sentença absolutoria do Tribunal do Juri, o camarada Edgard Leuenroth, o ardoroso militante anarquista, escolhido pela burguezia paulista para satisfação dos seus torvos e mesquinhos odios.

E' com a mais viva emoção que saudamos o valente camarada, vitima da sanha malfazeja do capitalismo.

Correspondencia

IZIDORO A. SILVA — Queira appare em nossa redação. CERDEIRA — Temos remetido os jornais para você e para os amigos que indicaste. Têm chegado já? Saude! ZENON — Já avizámos o João. E' o seguinte o endereço do S. B.: R. Marechal Floriano 220, ou C. postal 1936.

rariam dentro de dez anos acercar-se de novo do imperio dos Hohenzollern para se defender do excessivo poderio da Russia. Um futuro Poincaré trocaria telegramas de felicitações com Guilherme ou seu herdeiro; Lloyd George amaldiçoaria, na sua linguagem de clergyman e de boxer, a Russia, esse baluarte da barbaria e do militarismo; Alberto Thomas, na qualidade de embaixador da França junto do Kaizer, receberia lirios do vale das mãos das damas da corte de Potsdam, como ha pouco das mãos das granduquezas de Tzar-kod-Selo. De novo se impinjiriam ás vulgaridades de todos os discursos e artigos de hoje, e ao sr. Renaudel bastar-lhe-ia mudar nos seus escritos os nomes proprios, coiza que está perfeitamente ao seu alcance.

Quanto a nós, continuaríamos sendo os mesmos inimigos jurados da Alemanha dirigente que somos agora, porque odiamos a reação alemã com o mesmo odio revolucionario, que consagramos ao tzarismo ou á plutocracia franceza, e se vós ouzais, vós e os vossos caixeiros de imprensa, aplaudir Liebknecht, Luxemburg, Mehring, Zetkin, como inimigos intrepidos dos Hohenzollern, não podeis ignorar que eles são correligionarios nossos, nossos irmãos de armas; que somos aliados seus contra vós e vossos patrões, pela unidade indissolvel da luta revolucionaria.

Talvez vos consolsis pensando que somos pouco numerosos. Somos entretanto bem mais numerosos do que imaginam os policias de todas as castas.

Com a sua miopia profissional, não descobrem esse espirito de revolta que se levanta de todos os focos de sofrimento, espalhando-se por toda a França e por toda a Europa, pelos bairros operarios e pelos campos, pelas oficinas e pelas trincheiras.

Encerrastes Luiza Saumoneau numa prisão, mas diminuístes com isso o desespero das mulheres deste paiz? Podeis prender centenas de zimmerwaldistas, depois de terdes incumbido a vossa imprensa de os cobrar mais uma vez de calumnias policias, mas podeis restituir ás esposas os seus maridos, ás mães os seus filhos, ás crianças os seus pais, aos invalidos o seu vigor e a sua saúde, ao povo ludibriado e exangue a confiança nos que o enganaram?

Apeai-vos, Julio Guesde, do vosso automovel militar, sai da gaiola onde vos encerrou o Estado capitalista, e olhai um pouco em redor. Talvez o destino tenha pela ultima vez compaixão da vossa triste velhice e consigais distinguir o surdo rumor dos acontecimentos que se aproximam. Nós aguardamos-vos, chamamo-los, preparamo-los. Demaziadamente horrivel seria a sorte da França, se o calvario das suas massas operarias não conduzisse a uma grande desforra, a nossa desforra, na qual não haverá lugar para vós, Julio Guesde, nem para os vossos.

Esposo por vós, é com uma fé profunda no nosso triunfo que eu deixo a França. Por uma da vossa cabeça, envio uma saudação fraternal ao proletariado francez que desperta para os altos destinos. Sem vós e contra vós, viva a França socialista!

Leão TROTSKI.

VERMUTIN

O que é o vermutin

E' um aperitivo-estomacal, moderno elegante, original, que se toma puro, gelado com agua, syphon ou misturada, com outro.

E' uma bebida deliciosa, em poderes tonico digestivo-nervinose airtudes, RADIO-ACTIVAS, que influem no organismo, rejuvenescendo a todos que fizeram uso.

Notae o paladar delicioso que fica na bocca depois que se bebe O VERMUTIN! tome gelado que é delicioso!

O appetite renasce, a juventude se conserva e se prolonga, a velhice adquire novos reforços para resistir aos seus effeitos!

Tomae sempre, repeti as doses de 3 a 4 calices por dia e ao fim de 15 dias sentireis os beneficios do RADIO APERITIVO INDIANO — VERMUTIN—do Dr. Eduardo Franca.

Encontra-se em todos o, hoteis, restaurants, cafés confeitarias bars, botequins e armazens.

unicos depositarios: Mocourá & C., Rua do Rozario, 183 — Concessionarios: Coutinho Neves & C., Rua Buenos Aires, 96 (sobrado).

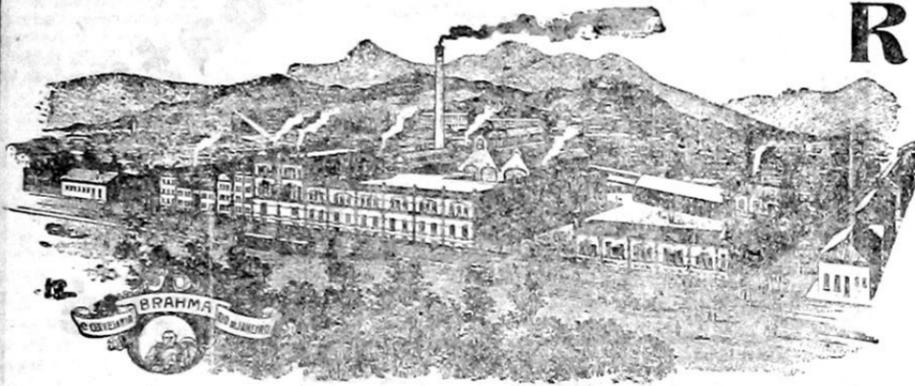


A melhor bebida do mundo

DR. EDUARDO FRANCA

Beba todos os dias e sera sempre jovem

Cervejaria Brahma



Recommenda as suas
afamadas marcas :



Fidalga Malzbier Brahma Porter

que são as preferidas pelas pessoas de bom gosto

BEBAM

CAXAMBÚ

A soberana das
aguas de meza

RIO DÃO O vinho de meza
preferido

IMPORTADORES

J. Ferreira & C.

Cerveja Park Bier. Estomacal
e nutritiva

PRAÇA TIRADENTES, 27

CASA TIM-TIM POR TIM-TIM

XXXXXXXXXXXXX
+ SEMPRE NA PONTA +
XXXXXXXXXXXXX

ESPECIALIDADE EM PETISQUEIRAS A PORTUGUEZA
E "COM ELLAS E SEM ELLAS" - ABERTO ATE 1 HORA DA NOITE

Rua do Lavradio n. 41 - Telephone 3229
RIO DE JANEIRO

DURAN & BARBOSA

"Casa Rist"

Deposito excludivo de productos
nacionaes

VINHOS E CONSERVAS

Rua 7 de Setembro n. 77

Telephone 455 - Central

BEBAM

SALUTARIS

A Rainha das

Aguas de Meza

CENTRO COSMOPOLITA

Sede: RUADO SENADO 215-217
(TELEPHONE 1499 CENTRAL)

Esta sociedade, fundada em 31 de Julho de 1903, incumbe-se de fornecer ás exmas. familias, confeitarias, hotéis, restaurants
clubs, bars e demais casas deste ramo, pessoal competente
para banquetes, casamentos, pic-nics, etc. etc., não só na capital como no interior, responsabilizando-se pelo mesmo

Aluga o seu vasto salão para festivaes, conferencias e outros actos de reconhecida moralidade

Attende a chamados todos os dias uteis das 7 ás 22 horas e aos domingos até ao meio dia

